

O passado que marca o agora

Thaís Velloso*

PEREIRA, Carlos Eduardo. *Agora agora*.

São Paulo: Todavia, 2022.

Agora agora (Todavia, 2022), segundo romance de Carlos Eduardo Pereira, reúne três gerações de homens de uma mesma família e com o mesmo nome, que se diferencia pelo acréscimo de “Filho” e “Neto” no sobrenome. Desse modo, a narrativa concentra três épocas diferentes: uma mais atual, referente ao país bolsonarista, o final da década de 1980 e o período que comporta do pós-abolição até os anos 1940.

Jorge Ferreira é do Unidos da Saudade, bloco de Friburgo cuja bateria tem como marca o toque de Ogum. Sincretizado no Rio de Janeiro com São Jorge, Ogum é conhecido como deus da guerra, por enfrentar batalhas e vencer demandas. O orixá que orienta a bateria do Saudade associa-se à aplicação da lei, ao ferro e à espada, o que desperta a atenção para o fato de a narrativa, além de abordar três gerações de diferentes Jorges – Jorge Ferreira, Jorge Ferreira Filho e Jorge Ferreira Neto –, explorar a disciplina militar como fator decisivo na construção do protagonista.

*Doutoranda em Literatura Brasileira no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLEV-UFRJ).

Quem narra o romance é o neto, um ex-aluno da PREP, a Academia Preparatória de Cadetes. Vivendo no Brasil atual, ele aborda de início a rotina que tem, marcada pelo despertador, pelos pedidos por *delivery*, pela *playlist* dos Smiths. O dia a dia como professor é invariavelmente influenciado por sua experiência em âmbito militar (a pontualidade, a rigorosa reprovação de alunos e o posicionamento contrário a qualquer greve, o que intensifica a antipatia dos colegas), e a maneira como narra indica uma rotina tediosa, com “muita presepada” na escola. Soma-se a isso a dificuldade imposta pelo trajeto, devido à espera pelo ônibus, a qual Jorge comenta no décimo capítulo com indiferença, característica que indica que ele está apenas cumprindo um papel, sem se valer do efusivo e comum discurso de amor à docência, por vezes descolado de uma exaustiva realidade.

O capítulo merece destaque. Não só por condensar essa monotonia profissional, mas também pela particular perspectiva que imprime à cidade, igualmente monótona. Aqui, o personagem não é o sujeito que anda pelas ruas disposto a apreciar o movimento urbano, com gosto de fazer parte dele; diferentemente disso, apenas constata o que observa, obrigado a estar ali pelas circunstâncias, de modo que, quando faz questão de dizer o nome das vinte e duas estações de trem, parece nos tornar companheiros, ou testemunhas, dessa viagem apática em que nenhuma novidade acontece. Essa postura lembra a do protagonista do primeiro romance do autor: da mesma forma que o personagem de *Enquanto os dentes* nos transmite a sensação de viver em um mundo sem escolhas, o narrador de *Agora agora* cumpre algumas de suas obrigações sem poder mudá-las – o tempo de espera do ônibus ou do trem, por exemplo,

não depende dele, mas da empresa de ônibus, da Supervia, e ele não reclama da demora, apenas a registra.

A primeira parte do romance, sobre Jorge Ferreira Neto, permite entender que o narrador, imerso no cenário das casas com bandeiras do Brasil expostas, apresenta uma visão moldada pelo discurso de que não há racismo no país e de que a discussão sobre colorismo é uma bobagem. Bastante atuais, os temas abordados na obra pertencem aos debates mais recentes da sociedade, como o já citado colorismo e as cotas raciais, ambos relacionados à temática que permeia as três partes e, portanto, as três gerações: o racismo.

Jorge Ferreira, o avô, é fundamental para trazer à narrativa o conhecimento, a valorização e a vivência do Carnaval, algo que também vai fazer parte do cotidiano de seu filho e seu neto. Profundamente dedicado ao Grito, espaço frequentado só por pessoas negras na cidade de Nova Friburgo, Jorge é marido de Creusinha e filho de Catirina, ex-escravizada que sofreu, além de tudo, com a Lei da Vadiagem, que a levou, junto ao filho pequeno, a um Centro de Reabilitação, onde ficaram por meses até ela conseguir ir para Friburgo.

As mulheres citadas são figuras importantes que definem a relação entre sogra e nora, envolvendo a compreensão do homem como sujeito que precisa ser cuidado a todo tempo por uma mulher. Diante dessa perspectiva, a narrativa, ainda que focada na trajetória de três homens, realça problemáticas referentes à mulher, seja nessa naturalização do cuidado materno transferido para a esposa, seja na fuga de Catirina, momento em que fica evidente a condição feminina de quem só tem o corpo como recurso para sobreviver.

Na última parte do romance, conhecemos Jorge Ferreira Filho, ou Jorge Bola, o pai, e vale ressaltar como é interessante a passagem do tempo ser evidenciada pelo detalhe de que agora se fala “a Unidos da Saudade”, e não mais “o Saudade”, indicando tratar-se não mais de um bloco, mas de uma escola de samba. É também nessa parte que conhecemos melhor seu filho. No momento em que Neto está com os primos confeccionando acessórios para o próximo desfile, sua avó avisa sobre a chegada de um recado importante no nome dele, recado só revelado quando o pai chega do trabalho. Jorge Ferreira Neto havia sido aprovado no exame de admissão à Academia Preparatória de Cadetes – PREP 1989, e a viagem para Barbacena, onde a escola ficava, aconteceria na semana seguinte, na Quarta de Cinzas, dia em que faria aniversário.

Em Barbacena sua vida muda. O racismo e a violência por ele sofridos, reveladores de uma brutalidade que nos conduz à reflexão a respeito da formação de sua personalidade, de seu ponto de vista tão bem construído na narrativa, são também, de outra forma, o motivo da morte de Jorge Bola, o pai. Torcedor da Saudade e da União da Ilha, que frequentava assiduamente, Jorge Ferreira Filho viveu a imensa alegria do Carnaval de 1989 naquela Quarta de Cinzas, quando comemorou o terceiro lugar conquistado pela “Festa Profana”, mas seu porre de felicidade foi interrompido.

Essas histórias geracionais, entrelaçadas no *Agora agora*, denunciam que, ao contrário da lei de Roma citada no samba, muitas vezes é difícil a alegria imperar no que diz respeito aos corpos negros, absurdamente expostos ao racismo e à violência que os leva a desistirem de um caminho ou serem impedidos de traçá-lo.